

## **DISCIPLINA: MEIO AMBIENTE E CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA**

### **Bem-estar, salvação, saúde: a festa do cuidado da vida**

Genilma Boehler

Certamente você vem acompanhando as disciplinas humanísticas sociais desde o primeiro período, quando você entrou no Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix. Temos nos perguntado desde a primeira disciplina: Conhecimento e Saber ou Humanidades I, sobre o lugar desta área de saber na nossa formação acadêmica e profissional.

Com a disciplina Meio Ambiente & Consciência Planetária encerramos esse ciclo de discussões, e esperamos ter conseguido elaborar algumas respostas, ou muito mais importante: ter suscitado muitas novas perguntas.

Essas disciplinas são humanísticas, e toda disciplina humanística coloca a questão do sentido da vida, dos fins, do ser humano, e isso contrasta com a outra opção tecnológica, que cuida mais dos meios, em função de um certo tipo de desenvolvimento material. Esse modelo normalmente não insere duas dimensões fundamentais, que são o ser humano, como destinatário desses bens, e a natureza, cuja depredação é praticamente inconsciente e ilimitada.

O resgate dessas dimensões humanísticas coloca no centro a destinação de todo o processo tecnológico, de desenvolvimento, da economia, em função da vida e em função da vida humana. E por outro lado, suscita de imediato a questão ética. Isto é, todos os saberes devem assumir a responsabilidade de serem úteis para o ser humano, de ajudarem o ser humano a manter a herança que ele herdou do passado, seja cultural, seja natural - a herança ecológica. Ao mesmo tempo, ajuda o ser humano a estabelecer uma relação bem fazeja do outro com a natureza, de tal maneira que o saber seja um momento de diálogo do ser humano com a realidade e ao mesmo tempo uma forma de aprofundar sua relação com a realidade, não cortá-la, no sentido da dominação, mas reforça-la no sentido de sentir-se junto à cadeia da vida, sentindo-se parte e parcela de um todo que o desborda por todos os lados.

Por isso, nesta última aula, buscamos refletir a partir do título: Bem-estar, salvação, saúde: a festa do cuidado da vida. Podem estar perguntando-se: porque saúde e salvação? Vamos primeiro procurar entender o sentido destes termos. Segundo Terrin (1998, p.154)

Saúde e salvação são termos co-originários, ou melhor, nasceram de um mesmo conceito e partilharam por muito tempo a mesma sorte e um mesmo significado geral, que acabou cindindo-se bem mais tarde. Trata-se do significado sânscrito de *svastha* (=bem-estar, plenitude), que depois assumiu a forma do nórdico *heill* e, mais recentemente, *Heil, whole, hall* nas línguas anglo-saxônicas, que indicam “integridade” e “plenitude”. A mesma coisa acontece com o termo *sotería* na língua grega, segundo a qual justamente Asclépio é considerado *sotér* : aquele que cura e que é ao mesmo tempo o “salvador”. Na língua latina é emblemático o significado de *salus* , termo capaz de incorporar mesmo em época recente, tanto o significado de “saúde” como de “salvação”. É preciso, porém, lembrar que também em outras línguas acontece a mesma combinação. Lembro, entre outras, o termo hebraico *shalom* (= paz, bem-estar, prosperidade) e a fórmula egípcia *snb* , que também indica bem-estar físico, vida, saúde, integridade física e espiritual. Todos esses termos expressam a salvação como “integridade da existência”, como “totalidade de situações positivas”, não tocadas pelo mal, pela doença, pelo sofrimento, pela desordem. Sob esse ponto de vista, outrora era impossível distinguir entre salvação e felicidade, pois uma confluía na outra e o aspecto teológico que hoje se atribui ao primeiro termo dentro de um contexto exclusivamente religioso estava nivelado e não era separável do aspecto antropológico que assumia o mesmo termo em contextos menos religiosos.

Não se trata, portanto, de um discurso religioso, mas sim de procurarmos um sentido para a trajetória que fizemos no decorrer deste semestre. Constatamos que o Planeta Terra está buscando saúde, salvação... Graças à ação humana seu estado é grave, preocupante, desolador.

Hoje chegamos a um ponto em que colocamos as questões: Quanto de agressão a Terra ainda suporta? Quanto de injustiça social mundial o estômago ético humano ainda consegue digerir? Porque estamos chegando a limites extremos, seja de uma degradação total das relações sociais mundiais, pelo crescimento da pobreza, da marginalidade, da exclusão; seja pela sistemática degradação do sistema de vida, cujos relatórios revelam que de ano a ano ela cresce sem que haja políticas consistentes para colocar um limite a essa depredação.

Esses dois temas, que são contraditórios ao sistema dominante, são ocultados, e a grande parte da população está dentro do Titanic que está afundando, mas não se dá conta disso. As grandes empresas gaiamente continuam produzindo e consumindo como se a Terra fosse inesgotável e o mundo estivesse reconciliado. Então, esses limites possivelmente irão aflorar no momento em que a crise atingir a pele das pessoas, isto é, quando percebermos, por exemplo, que dentro de pouco teremos a crise mundial da água

potável. Nações do mundo inteiro farão guerras devastadoras para garantir acesso a esse recurso natural. Então, esse fato despertará a consciência.

Mais 15 ou 20 anos, e a energia fóssil do petróleo encontrará um limite extremamente perigoso. Buscamos alternativas energéticas ou o modelo montado sobre essa energia entrará numa crise sistêmica. Fatos assim mobilizam as consciências e, aí sim, colocamos a questão das alternativas. Entretanto, é importante que o pensamento agora e os grupos elaborem essas alternativas, acumulem energia, porque quando a crise vier nós tenhamos propostas que sejam realmente boas, que permitam um outro ensaio civilizatório e não coloquem a humanidade num estresse de grande risco.

Com base nesses dados, voltamos à questão da saúde e salvação... É Terrin (1998, p.155) que afirma: “ A salvação não pode ser dissociada da saúde, não pode ser isolada dos contextos concretos em que se vive; a salvação não pode ser confinada em uma ilha no meio do oceano. Começa aqui e agora com o “estar bem”, gozando de um sentimento de “plenitude” e de “integridade”.

Na percepção de Leonardo Boff existem três cenários importantes a serem analisados se almejamos bem-estar, saúde e salvação para o Planeta Terra conforme entrevista concedida a BOURSCHEIT:

O primeiro cenário chama de conservador porque é o cenário das elites industriais e financeiras mundiais, que não despertaram ainda para o alarma ecológico. Parte da idéia de que os recursos são ilimitados e de que a Terra tem capacidade de regeneração, e de que o processo da tecnociência, que exige muita energia e exaustão e utilização massiva dos recursos naturais pode continuar. Crê que essa análise é irresponsável, porque todas as grandes instituições que abordam o estado da Terra mostram anualmente o crescimento da degradação e também os limites reais que a Terra tem.

O segundo cenário é reformista porque se dá conta de que devemos combinar desenvolvimento e ecologia, mas não quer questionar a estrutura, a lógica do tipo de desenvolvimento, que é linear, consumidor das energias limitadas da Terra. Ao menos se incorporam tecnologias mais benevolentes, que diminuem a agressividade, que diminuem também o grau de contaminação do ar, das águas. Ele tem um certa vantagem porque ajuda a incorporar o discurso ecológico, mas tem a desvantagem de que quando há um conflito

entre desenvolvimento e ecologia, sempre se opta pelo desenvolvimento e se abandona a ecologia, perpetuando-se a crise.

Já a terceira visão é a que efetivamente se dá conta de que chegamos a um momento de não retorno. Devemos preservar a única casa comum que temos, o planeta Terra, com um equilíbrio extremamente frágil, e elaborar uma economia e uma política que preserve a vida, garanta o sustento humano, e que refunde o pacto do ser humano com a natureza, incluindo esta como um novo sujeito social merecedor de respeito, e também com a consciência de que somos um elo na corrente da vida.

Na verdade não existe meio ambiente, mas sim a comunidade de vida. O ser humano tem a função de assumir responsabilidades, de ser guardião dessa riqueza, desse equilíbrio. Se nós não assumirmos essa responsabilidade, a reprodução da vida não será mais garantida pelas próprias forças da natureza, porque a nossa máquina de morte está tão azeitada e avantajada que ela pode produzir danos fundamentais para a biosfera e pode ameaçar nosso próprio destino.

## **A FESTA DO CUIDADO DA VIDA**

A essas alturas podemos nos perguntar: e agora? Como posso contribuir? O que precisamos fazer? Como posso desde a minha área de conhecimento assumir esta responsabilidade conjuntamente?

Nesse caso, é Otto Maduro (1994, p.162), é quem nos oferece algumas pistas:

Eu gostaria de propor aqui, diversamente, a possibilidade de conceber o conhecimento como – entre outras coisas – *imaginação relacionadora*. O conhecimento não seria, portanto, capacidade passiva de captar isoladamente as coisas “tais quais elas são”. Seria, antes, uma habilidade marcadamente ativa de intervir na realidade imaginando relações entre os elementos que surgem da experiência (coletiva ou individual). E ainda, o conhecimento interviria ativamente na realidade fazendo tentativas e ensaios para ver até que ponto essas relações imaginadas são capazes ou não de dar conta da experiência do real.

Mais, ainda, poderíamos pensar que não existem propriamente “coisas independentes” para conhecer: somente “pontos de uma rede de relações em que estamos ativamente implicados (e por isso pedimos “captá-los” e nos interessar por conhecê-los). Nossas conexões com a realidade – assim como a própria realidade – estão em constante processo de mudança.

As coisas, portanto, não “são” simplesmente, nem são apenas “objetos” separados entre si e de nós; as “coisas” estão sendo em ligação conosco. É nessa rede dinâmica de vínculos – da qual somos parte – que criativamente procuramos imaginar como é que surgem e mudam esses laços. Também nessa rede – da qual participamos – experimentamos nossas teorias, para ver se ainda resultam interessantes, fecundas e úteis.

Ainda é Otto Maduro (1994, p.182) quem afirma: “Podemos representar o conhecimento como constante tentativa conjectural de elaboração de “mapas”, metáforas e outros artifícios para entender como é que se articula, funciona, nos toca e como podemos afetar a realidade que nos circunda.”

Perceberam que o que estamos propondo é que todos-todas sejamos partícipes nesta busca de solução, desde o nosso lugar como cidadão-cidadã, desde a nossa área de conhecimento na busca de soluções plausíveis. Como afirma Boff: “O ser humano é um ser criativo, surpreendente, nossa natureza é quântica, cheia de oportunidades e alternativas, e ele pode, depois que se decidiu a isso, buscar alternativas”.

Sendo desafiados a construir uma nova realidade sociocultural que vem como resultado de uma relação que o ser humano tem com outro ser humano, com outras formas de vida, consigo mesmo, com a natureza. Uma relação não agressiva, mas sim de cooperação, de sinergia, de sentir-se parte e parcela desse todo e entender, por exemplo, que a Terra não é uma espécie de baú cheio de recursos dos quais eu posso me apropriar, mas sim que a Terra é um superorganismo vivo. O ser humano é a própria Terra, e no seu processo de evolução chegou o momento de pensar, de sentir, de amar, e hoje de se organizar na perspectiva da sobrevivência. Terra e humanidade formam uma totalidade, uma grande unidade, que é a perspectiva que os astronautas nos transmitem, porque lá de suas naves espaciais, ao olhar a Terra, eles não distinguem Terra e humanidade. É uma totalidade só. Terra viva e, dentro dela, a humanidade.

E isso propomos desafiando a que sejamos esperançosos. Sabemos que não há razão para sermos otimistas, mas não percamos a esperança no futuro. Como afirmou Rubem Alves (2000): “Otimismo é quando, sendo primavera do lado de fora, nasce a primavera do lado de dentro. Esperança é quando, sendo seca absoluta do lado de fora, continuam as fontes a borbulhar dentro do coração. Camus sabia o que era esperança. Suas palavras: ‘E no meio do inverno descobri que dentro de mim havia um verão invencível...’ . (...) Otimismo é alegria ‘por causa de’: coisa humana, natural. Esperança é alegria ‘a despeito de’ coisa ‘divina’. O otimismo tem suas raízes no tempo. A esperança tem suas raízes na eternidade. O otimismo se alimenta de grandes coisas. A esperança se alimenta de pequenas coisas. Nas pequenas coisas ela floresce.”

Esta é a nossa proposta ao encerrar a disciplina Meio Ambiente e Consciência Planetária, que também encerra o ciclo das disciplinas Humanísticas Sociais. Não tivemos a pretensão de dar respostas, mas apenas de participar do debate atual e preconizar uma ética que seja da diferença e da vida: conjugando os avanços tecnológicos com o horizonte da vida poderemos evitar a destruição não só do planeta, mas também da própria natureza humana.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Rubem. **Concerto para corpo e alma**. Campinas: Papirus, 2000.

BOURSCHEIT, Aldem. Entrevista com Leonardo Boff: **Um olhar para o futuro**. Disponível no site: <http://www.apoema.com.br/boff.htm>, acesso em 10 de novembro de 2010.

BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial** – um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro e SOUZA, Jose Carlos Aguiar (orgs.). **Consciência Planetária e religião** – desafios para o século XXI. São Paulo: Paulinas, 2009.

MADURO, Otto. **Mapas para a festa** – reflexões latino-americanas sobre a crise do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1994.

TERRIN, Aldo Natale. **O sagrado off limits** – a experiência religiosa e suas expressões. São Paulo: Loyola, 1998.